

É POSSÍVEL QUE UM “JUSTO” VENHA MENDIGAR O PÃO?



“Já fui moço, e agora estou velho; mas nunca vi o justo desamparado, nem seus descendentes a mendigar o pão. Ele é sempre generoso e empresta, e seus descendentes são abençoados.” (Salmo 37.25-26)

1. INTRODUÇÃO

Na passagem bíblica acima o salmista afirma que nunca tinha visto os justos desamparados, nem os seus filhos reduzidos à mendicância. Aparentemente o texto faz uma observação geral da fidelidade de Deus, que nunca desampará os

justos e, no devido tempo, os resgatará. Com base na declaração do salmista Davi, podemos afirmar que é impossível que um “justo”¹ venha mendigar o pão? Estaria a doutrina espírita que professa a “lei de causa e efeito”² com razão? A resposta para essas perguntas é o objetivo do presente estudo.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO DA PASSAGEM BÍBLICA

Durante grande parte do período veterotestamentário, muitos israelitas viveram na pobreza e com total escassez de recursos. E como dizia o escritor, filósofo e sociólogo brasileiro, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866–1909), “viver é adaptar-se”. Devido ao grande número de enfermidades, lesões e defeitos de nascença, bem como o alto índice de desemprego em Jerusalém, a mendicância tornou-se uma forma de vida muito comum. Havia alguns que passavam a vida toda como pedintes, sem outro meio de sustento. A pobreza estava presente em toda a nação de Israel. A grande massa da população dispunha de um pouco mais do que era necessário à sua subsistência. Mas uma boa parte dela que se encontrava abaixo desse nível, vivendo em condições de extrema penúria.

Precisamos reconhecer que, se existia pobreza em Israel, era porque o povo desobedecera às leis de Deus. Se eles tivessem cuidado uns dos outros devidamente, os mais abastados ajudando os menos favorecidos, não teria havido pobres entre eles. Se os israelitas tivessem obedecido a Deus, todos viveriam com abundância:

¹ **Justo.** Do hebraico צַדִּיק (tsaddîq), o vocábulo faz referência a alguém que anda em conformidade a um padrão ético ou moral, sendo que esse padrão é a natureza e a vontade de Deus (cf. Salmo 145.17).

² **Lei de causa e efeito.** Um dos princípios fundamentais preconizados pela doutrina espírita para explicar as casualidades ligadas à vida humana. Segundo ela, todos somos responsáveis por cada um dos eventos que ocorrem em nossas vidas, sejam estes eventos bons, ou aparentemente terríveis. Neste contexto, não existem vítimas. O que aparentemente não tem explicação é porque falta em nós alcance para compreensão da real origem de cada acontecimento. Em outras palavras, todo efeito tem uma causa e há "motivo justo" para todos os acontecimentos com que se depara o homem, inclusive o sofrimento. Pela lei de causa e efeito, os espíritas buscam compreender a causa de seus sofrimentos, e de todo o mal que aflige a humanidade.

“Entretanto, não haverá pobre algum no teu meio (pois o SENHOR certamente te abençoará na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá por herança para possuíres), desde que ouças com atenção a voz do SENHOR, teu Deus, cuidando para cumprir todo este mandamento que hoje te ordeno.” (Deuteronômio 15.4-5 – Almeida Século 21)

Durante o reinado de Davi, Israel estava sob o cuidado especial de Deus. Por causa da fidelidade de Davi para com Deus, e do seu senso de integridade para com o povo, os israelitas obedeciam às leis do Senhor, que asseguravam que o pobre deveria ser tratado com justiça e misericórdia (cf. Deuteronômio 15.4-5). Como vimos anteriormente, quando a nação de Israel era obediente, havia alimento suficiente para todos. Mas quando ela se esquecia de Deus, os ricos cuidavam somente de seus interesses, e os pobres sofriam muito:

“Assim diz o SENHOR: Pelas três transgressões de Israel, sim, e pela quarta, não retirarei o castigo; pois vendem o justo por prata, e o necessitado, por um par de sandálias. Esmagam a cabeça dos pobres no pó da terra...” (Amós 2.6-7a – Almeida Século 21)

Contudo, uma série de fatores externos contribuía – mesmo durante o reinado de Davi – para a existência de um grande número de pobres em Israel. Precisamos considerar alguns dos obstáculos que faziam com que, pessoas justas e ímpias, fossem lançadas a uma condição de extrema penúria, a ponto de muitos virem a se tornar mendigos nas regiões onde habitavam. São eles: os *impostos* – que constituía um grande peso para muitas famílias, formadas por pequenos agricultores; o *desemprego* – agravado pelo uso da mão de obra escrava barata, que acabava por reduzir o valor do trabalhador comum; os *deficientes físicos* – que não podiam trabalhar e sobrecarregavam a renda familiar (muitos eram cegos ou coxos de nascença); a *morte do chefe da família* – que podia ser causada por enfermidade, acidente ou guerra, geralmente deixava a família na miséria, principalmente se os filhos ainda fossem pequenos; a *fome* – que provocada pela seca, pelo excesso de pragas, pela chuva em demasia fora da época ou por outras calamidades naturais, acabavam com todo o sustento de uma família de uma hora para outra; *agiotagem* – que mesmo sendo proibida por lei, em relação aos pobres (cf. Êxodos 22.25)³, era praticada de forma impiedosa por muitos credores que cobravam juros exorbitantes e empregavam métodos cruéis para receber o pagamento da dívida.⁴

3. O REAL SIGNIFICADO DAS PALAVRAS DE DAVI

De volta ao texto bíblico inicial, é possível observarmos que a poesia bíblica trata de uma experiência pessoal do salmista, que vivenciou no contexto de seu compromisso com Deus, o fator oculto da bênção, da alegria, do amor protetor e da fidelidade de Deus. O salmista tira proveito da

³ **Êxodo 22.25:** "Se emprestares dinheiro a alguém do meu povo, ao pobre que vive perto de ti, não agirás com ele como credor, cobrando juros."

⁴ COLEMAN, William L.. *Manual dos tempos e costumes bíblicos: o contexto cultural, social, político e religioso das terras e dos povos da Bíblia, com base nas mais recentes descobertas arqueológicas.* Trad. Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 149, 164-167 p.

experiência de sua longa vida para assegurar aos retos que Deus não abandonará nem a eles e nem aos seus filhos. Mas é preciso que fique claro em nossa mente o entendimento de que toda experiência, por mais frequente que seja, é sempre subjetiva, particular, pertinente a um indivíduo.

No caso de Davi, ele sabia que os israelitas deviam – por lei – ajudar os necessitados de sua época (cf. Deuteronômio 15.4-5). Além disso, outra lei permitia que o necessitado rebuscasse nos campos o seu alimento (cf. Levítico 19.10). Com esse sistema, geralmente não havia necessidade de se “mendigar o pão” – ele podia ser respigado de graça nos campos. Sendo assim, o contexto das palavras de Davi está fundamentado na economia judaica do Antigo Testamento.

A afirmativa de Davi não se trata de uma **promessa**, mas de uma **constatação** dos seus dias como pastor de ovelhas, e como rei da nação de Israel. Ainda assim, em nenhum momento o salmista afirma que **não há** justos desamparados ou seus descendentes mendigando. Em sua poesia Davi afirma que ele – de forma pessoal e particular – **nunca viu** um justo desamparado, deixado só, abandonado. Ele não diz que o justo nunca passa fome – Muitos dos milhares que passam fome no mundo hoje são cristãos –, mas simplesmente que ele, Davi, jamais viu o justo “mendigar o pão”. Há uma diferença.

Como ocorre no livro de Provérbios, a afirmação de Davi não é para ser tomada de forma universal, mas apenas como uma regra geral em uma sociedade organizada de acordo com a lei de Deus, segundo a qual aqueles que vivem retamente em geral não terão necessidade de mendigar o pão.⁵

Talvez Davi quisesse dizer que ele nunca havia visto o justo desamparado de forma *final* e *definitiva*. E que o justo, por mais pobre que seja, tem perspectivas melhores, além de uma consciência melhor do que os ímpios.

Davi pode ter declarado um princípio geral, sem excluir a possibilidade de exceções isoladas. Em muitas ocasiões, a Escritura faz uma asserção abrangente que descreve o funcionamento normal das leis espirituais. As exceções não anulam os princípios gerais.

4. CONCLUSÃO

Na Bíblia há vários relatos de personagens bíblicos que foram considerados “justos”, mas que padeceram necessidades. Há o caso de Lázaro, que além de mendigo, tinha o corpo coberto de feridas (cf. Lucas 16.19-31); a viúva pobre que ofertou duas moedinhas (cf. Mateus 12.42-43) – sendo que as viúvas pobres daquela época sobreviviam de esmolas (cf. Atos 6.1); o apóstolo Paulo, que mesmo sendo quem era, passou fome e necessidades (cf. 1Coríntios 4.11; 2Coríntios 11.27; Filipenses 4.12); e os cristãos pobres de Jerusalém, que foram sustentados por uma oferta fraternal levantada pelas igrejas da Macedônia e da Acaia (cf. Romanos 15.16).

⁵ GEISLER, Norman L.; HOWE, Thomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. Trad. Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 245-246 p.

Sendo assim, experiências pessoais, por mais corriqueiras que sejam, não podem ser transformadas em promessas; e muito menos ensinadas como doutrinas para defender a riqueza e prosperidade distribuídas de forma irrestrita. A maioria não dos personagens bíblicos não foi exemplo de sucesso financeiro. Venceram não por si mesmos, mas vencidos, venceram na força Daquele que os amou primeiro; sem reconhecimento, sem alento, sem dinheiro.

Parafraseando este Salmo, seria como se Davi estivesse dizendo que, das pessoas que observou em seu tempo de vida (de quando era moço até o momento em que escreve, quando é velho), o que ele deduziu foi que aqueles que eram justos, compassivos, liberais em emprestar e ajudar etc. tiveram descendentes que (tendo aprendido tal exemplo) nunca precisaram mendigar o pão. A lição é tão clara e simples que até hoje observamos isso na sociedade, quando vemos alguém bem sucedido e damos o crédito de seu sucesso aos pais que o educaram corretamente e deixaram um bom exemplo.

Portanto, quando nos depararmos com um “justo” sofrendo podemos considerar três situações: a) como os amigos de Jó, podemos dizer que a pessoa ocasionou a situação; b) que se trata de uma prova para desenvolver a paciência e confiança da pessoa em Deus; c) podemos ajudá-la. Davi aprovaria apenas a última opção. Embora hoje muitos governos tenham programas para ajudar os necessitados, isto não é desculpa para ignorarmos o pobre e o carente que esteja próximos de nós.